



Jornal das Senhoras – Tomo VI. – 17 de dezembro de 1854 – Edição 51
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00051.pdf

3º ANNO.

TOMO VI. – DOMINGO, 17 DE DEZEMBRO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E. PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

A Providencia Divina não nos tem desamparado, amaveis leitoras, para que tenhamos sempre alguma cousa a dizer-vos como novidade, e que possa merecer diguamente a vossa attenção.

Com effeito, a ultima reunião da sociedade *Phil-Euterpe* nos permite dizer a seu respeito alguma cousa. O calor, que já abrasa a nossa cidade, não permittiu que a reunião fosse tão concorrida desta vez, e que apenas excedesse a cem o numero das senhoras, que ornavão o magnifico salão: nada, porém, influiu a falta de extraordinaria concurrencia para que a companhia deixasse de estar animada, e respirando prazer. O brilho também não pareceu desmerecido; pois que para ser elle constante basta haver o bom gosto das senhoras fluminenses, cujas graças e encantos parecem accumular-se continuamente como os dias que correm se accumulão na época do passado.

Magnificos *toilettes* se apresentarão; e seja-nos permittido citar em particular o de uma Ex^{ma} marquezia, digna de tal titulo por todos os motivos, e cujo bom gosto prendeu por muito tempo a nossa attenção. Confessamos que ficámos invejosa do seu lindo vestido.

A parte musical foi bem desempenhada, como sempre o é, pelos graciosos amadores da musica: e também não prescindiremos de fazer especial menção de uma das melhores pianistas

d'entre as nossas patricias, que se fez ouvir nessa noite em uma brilhante execução: fallamos destinada filha do Sr. Rocha Miranda, á qual dirigimos sinceros cumprimentos de amiga e admiradora.

Passando agora a outro objeto, ser-nos-ha permitido á nossa dedicação, fallar das *partidas* do Sr. ministro do Imperio, onde as brilhantes e delicadas reuniões de senhoras, acompanhando as estimaveis irmãs de S. Ex., fórmão o mais bello e interessante ramalhete de mimosas flores, colhidas em todos os jardins da cidade para se reunirem na rua da Bella-Vista; e muito agradável nos será continuar a gozar a inestimavel companhia de tão respeitaveis amigas em suas partidas, se, como é para desejar, ellas se não finalisarem.

A sociedade *Vestal*, persistindo em seus esforços, á custa dos quaes se tem tornado uma das primeiras e mais delectaveis companhias, dá o seu baile na noite de 16 do corrente, e presumindo desde já a nova gloria que delle deve resultar á sua digna directoria, aguardamos para o nosso artigo de domingo proximo a minuciosa descripção desta companhia.

Continúa, minhas amigas, a ser constante e grande a concurrencia do mundo elegante ao Passeio Publico, cujas portas se têm conservado sempre abertas até depois das 11 horas da

noite, hora em que se apaga a iluminação, que fez deste abandonado logar o *boulevard* novo do Rio de Janeiro. Se o Passeio Publico, somente pela novidade da illuminação, é tão concorrido, sem que dentro delle se veja mais do que algum capim, grades quebradas e arvores desfolhadas, imaginai quanto seria elle frequentado a todas as horas se houvesse nelle flores, plantas, repuxos ou algumas outras cousas que fossem capazes de dar prazer aos olhos e regalo ao espirito! No domingo lá se fez ouvir uma banda de musica até ás 8 horas da noite, e sentimos que este bello entretenimento seja só aos domingos e não effectivamente.

Concluirei este artigo, minhas boas leitoras, noticiando-vos um divertimento muito pouco conhecido, e que pela segunda vez terá logar. Fallo-vos do theatro lyrico do collegio-Marinho, cuja representação nos consta que terá logar na noite de 20 do corrente, e na qual os meninos, pela segunda vez, desempenharão, em scena e vestidos a character, alguns escolhidos pedaços de Operas italianas, entre as quaes ouvimos anunciar o *Pirata e Italiana em Argel*. Nós que fomos testemunha da brilhante e excellente representação do 1.º acto de *Ernan*, e de pedaços do *Pirata*, do *Corsario*, de *Nabucodonosor* e do *Atila*, de tal modo que admirou alguns

professores que asseverarão que *nunca o theatro publico havia tido córos tão bem ensaiados e tão unisonos*, não duvidamos adiantar o nosso muito favoravel juizo a respeito do bom desempenho deste util e interessante divertimento, cuja concurrencia será, sem duvida, éxtraordinaria, pois que na primeira representação, que teve logar em 1852, chegou a 800 o numero dos espectadores, homens e senhoras.

Dirigimos aos dignos directores deste collegio as nossas felicitações pela gloria de verem tantos progressos nos seus alumnos e de conquistarem cada vez mais a bem merecida confiança dos pais de familia.

Alina.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE FAZER VISITA. – Chapéo de crepe branco guarnecido de blonde enrugado, um pouco á Maria Stuar, enfeitado aos lados de dobrados tufos de rosas rosadas.

Roupão de *moire antique* azul meia côr, guarnecido adiante de uma carreira de pequenos botões de ouro.

Corpinho afogado, talhe redondo, um pouco espartilhado.

Saia lisa, de muita roda. Mangas largas, apertadas tão sómente no alto do braço e no punho.

Chale de cachemira da India, do Armazem Wallerstein.

Collarinho e sub-mangas de ponto de Bruxellas.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA OU RECEBER VISITAS. – Penteados *Artesiano*. Os cabelos são dispostos em pequenos anneis separados uns dos outros guarnecendo toda a testa até a altura da orelha; uma fita de tafetá carmezim graciosamente os retém e var passar por baixo de um bandó de cabellos fofos; um bello laço, bem chato, está collocado sobre o lado esquerdo á raiz deste segundo bandó.

Roupão de tafetá preto, guarnecido de franjas pretas frisadas.

O corpo, afogado e justo, continúa e fôrma um longo basquine enfeitado de duas ordens de franjas: estas franjas enfeitão tambem o corpo adiante, e só passa em volta das costas a primeira ordem de franja que guarnece todo o basquine dando-lhe uma elegancia mui particular.

A manga se compõe de uma manga curta, não larga, terminada por uma franja que descança sobre o primeiro fofo de uma manga de tres fofos, guarnecidos cada um de uma franja, e termina por um volante igualmente guarnecido da mesma franja.

A saia é enfeitada adiante de oito ordens de franja disposta em escala que se vai gradualmente estreitando de baixo até á cima, presas por uma guarnição da mesma franja que desce pelos lados desde a cintura até abaixo.

Collarinho de guipure; sub-mangas do mesmo.

O ULTIMO AMOR.

(Continuado do n.º 50.)

V.

Não pretendão que eu lhes descreva pela centesima vez uma *soirée*. Seria um empenho superior aos limites deste romance. A parte exterior, o espectáculo, está de cór na cabeça de todos. A parte intima, o circulo das ligações e das intrigas da sociedade, é quasi impossivel de acompanhar-se na narração rapida e improvisada de uma historieta de coração.

A *soirée* era em casa da marquez de ***. Estava quasi no fim. As senhoras apinhavão-se na escala, á espera das carruagens. Os homens, acendendo os charutos, trocavão os seus ultimos olhares e ensaiavão as derradeiras cortezas.

Eugenia achava-se finalmente n'um perigoso *tête-à-tête* com o Sr. L***. No fervor da confusão produzida por aquellas rapidas despedidas tinham podido fazer-se esquecidos n'um gabinete contiguo ás salas. Chegára o momento da explicação promettida.

A excitação moral que succede á um baile, é inexplicavel de intensidade. As faculdades avivadas pela vigilia, e os sentidos abrazados pelo perfume das flores, embalados pelo som confuso das derradeiras harmonias, transformao totalmente o individuo. E' quando o pensamento reage contra todas as paixões da vida: sonhão-se entao glorias grandiosas, amores heroicos, e esplendidas esperanças. O horisonte das ambições alarga-se desmedidamente ao olhar cubiçoso do homem. E' quando se davão, como exprime Victor Hugo n'uma das suas poesias, provincias por um beijo, e se offerecião reinos pelas delicias delirantes de um amor.

– Ahi tem a sua carta, disse Eugenia com voz tremula e quasi imperceptivel: não são as palavras de um homem que poderão desligar o que a religião uniu junto aos altares!... E deu-lhe a carta que dias antes recebéra.

L*** não esperava um desfecho semelhante. Allucinado pela paixão facticia, que as emoções do baile lhe havião provocado, teve um daquelles rasgos de eloquencia sentimental, que imperão tão decisivamente nas organizações delicadas. Conheceu a sua força e usou della sem hesitação nem piedade. Nas naturezas duvidosas, que não possuem nem energia para serem completamente más, nem virtudes para se tornarem corajosamente boas, os principios não tem quasi influencia: nessas almas inertes a lucha é impossivel: aceitão as inspirações da vaidade, e cedem á toda a vivacidade das emoções artificiaes.

– Eu bem sei o poder que nos separa e a força que nos desune! – Disse elle com a voz abafada pela paixão – é um homem, é esse homem que esmagou a sua vida, que a sacrificou ao egoismo de uma velhice prematura e ás caricias de um amor bastardo!... Não sabe o que lhe dizia nessa carta?... Que não rênhecia direito para me arrancarem a feliciade, para condemnarem no berço o meu unico amor!... Acaso a mulher póde decidir da sua vontade, e dizer sem temor de blasphemia, que o seu amor ha de ser amor, ha de ser eterno e que ha de ser inflexivel a sua obediencia?... E que crime cometti eu era aceitar um destino para o qual não contribui, para sacrificar os meus affectos ás decisões tyrannicas d’um absurdo?... Amoa – amo-te, Eugenia, e já não ha principio que me faça morrer nos labios esta expansão involuntaria do meu sentimento!

– Oh! meu deus! cale-se! cale-se! Sabe que poderei amaldiçoal-o eu tambem – a elle, tão bom, tão franco, tão generoso!... Não – proseguiu ella, fazendo um esforço – estimo-o como um pai, amo-o, amo só a elle.

– Não, não é amor que sentis por elle; é o temor que o prende á sua alma, o temor desses preconceitos a que o mundo chama deveres, e contra os quaes o coração se revolta! Sei o que tem soffrido nessa lucta continua; vejo-o na pallidez e na tristeza que cobre o seu rosto, no sorriso melancolico e resignado que lhe apparece nos labios! O instincto do meu affecto me não engana – não me póde enganar: não o ama, porque a flor mimosa que desabroxa entre ruinas estremece a cada pedra que cabe e que as aproxima da destruição total. Só eu te posso amar, porque só eu te pude comprehender! Não é a luz tremula d’uma pallida estrella que póde fazer despontar na campina o lirio desterrado – são os fogos do coração acesos pelo amor...

– Cale-se, cale-se – disse Eugenia, exaltada pela paixão e ao mesmo tempo subjugada pela razão que se defendia debilmente – não posso ouvir essas palavras –fazem-me mal ao coração! A minha vida não tem senão uma esperanza..... o tumulto!

– Não! não has de morrer assim, porque és minha, porque me pertences, porque a morte não tem poder para te arrancar da minha alma! O que nos aproximou um do outro não foi nem o acaso, nem as circunstancias vulgares da vida; foi a mão poderosa da Providencia. Para que hesitas? para que has de regar com lagrimas o caminho da felicidade? Não te appareci eu nos teus sonhos, como a tua imagem foi a perpetua inspiração dos meus?

– E meu marido – tornou ella, com o rosto banhado de lagrimas. Hei de pagar a sua affeição sincera com a deshonra... com a infamia!

L*** procurava abraçal-a n’um paroxismo nervoso dessa paixão que faz delirar os sentidos sem exaltar a alma.

A marquezia de *** entrou, momentos depois, a'procurar Eugenia. N'um relance d'olhos comprehendeu que se havia passado ali uma scena apaixonada. Viu-o nas longas pestanas de Eugenia, ainda humidas de lagrimas; viu-o nas suas

– 404 –

faces afogueadas e naquelle abatimento que succede sempre a um grande esforço moral.

Foi o motivo por que se lhe desenhou nos labios o mais apreciavel sorriso: esse sorriso dos anjos decahidos, que fascina e que seduz, mas onde parece morrer a esperanza das grandiosas explosões do amor moral, o unico, o verdadeiro amor, que sabe enthusiasmar o artista e o poeta.

– Que tal lhes pareceu a *soirée* – correu animada, não é assim? Entretanto, accrescentou a marquezia com intenção evidente – a solidão convém melhor aos corações tristes, ás almas já feridas pela desgraça e experimentadas pelo soffrimento. Já me fatigão estas scenas: a abnegação era o papel que me convinha: tenho estado já a ponto de quebrar a cadeia que me liga ao mundo e que me impõe penosos deveres..... que eu não sei, que eu já não posso cumprir.

– Ah! minha senhora, disse o *leão* cahindo até o raso, ao semsabor da sua existencia habitual – é tão egoista que não comprehende a falta que faria na sociedade, o vacuo que deixaria no mundo?

– Quem? uma velha? atalhou a marquezia, tomando o seu ar mais candido e juvenil – fallarião da minha ausencia quatro dias, quando muito, e talvez no intervallo de uma contradança se lembrassem então de dizer: « E' verdade, erão bem commodos os *soirées* da marquezia, gozava-se de liberdade e conversava-se com confiança e sem reserva..... »

E a marquezia na intonação deu um *accento circumflexo* ás palavras que se dirigião a explicar a situação dos dous presentes.

L*** teve a covardia de não ter um movimento de indignação contra aquellas injuriosas suspeitas. Era um elogio indirecto aos encantos da sua pessoa e ao poder das suas seducções; e a vaidade, até nos caracteres elevados; é mais poderosa ás vezes do que a voz da justiça e da consciencia.

A marquezia, como um daquelles generaes coroados pela victoria e que tentão fechar o circulo da sua carreira por um feito d'armas que dê na vista, resolvêra marcar no numero das suas victimas o Sr. L***. Queria que o galanteio se transformasse em paixão, e que Eugenia, apesar da sua belleza, da sua innocencia e da sua mocidade, tivesse de ceder ao imperio dos seus encantos desvanecidos, mas avivados pela arte, e aos artificios do seu espirito exaltado

pelas supostas difficuldades de um amor partilhado. Para isso não recuaria mesmo diante do casamento. A mulher de trinta e cinco annos, naquelle ultimo lance da sorte, tem um fanatismo igual aos heróes da revolução franceza, bradando do alto da tribuna. – *Périssent nos mémoires, el que la patrie se sanve.*

(Continúa.)

POESIA.
MYSTERIO.

Eu amo!... o nome della...
Não o digo: é uma estrella,
Astro que me appareceu
Na tempestade da vida!...
Um anjo... um grito do Céu
A' minha alma amortecida...

É um sorriso de Deus...
Inda bem que para os Céos
Já posso os olhos erguer!
Eu quero a vida, senhor!
Quero a vida pelo amor;
Eu já não quero morrer...

Nas trevas da minha sorte,
É verdade, quiz a morte...
Foi fraqueza, covardia,
Eu confesso, mas agora
Já lá vem a minha aurora....
Deixa-me ver o meu dia.

É linda... oh! como é bella...
Vi o Céu nos olhos della....
Ao despontar d'um sorriso
Por entre os labios divinos...

Ouvi n'alma os santos hymnos
Que se ouvem no paraíso....

Eu amo... não dizem mais
As palavras dos mortaes;
É uma gôta da paixão,
Da paixão que o peito encerra,
Que trasborda sobre a terra,
Do vaso do coração.

O seu nome é tão mimoso,
Tão doce, tão vaporoso....
Quem nos labios o não sente
Como eu o sinto agora...
Não sabe como se adora
Um nome tão innocente...

– 405 –

Como a folha d'uma rosa
Que no lago descuidosa
Cahe do labio da fontinha...
Cahe no peito o nome lindo,
Dos labios onde, sorrindo,
De ser visto medo tinha...

No lago crescem as aguas
No peito crescem as mágoas,
Vem o nome, vem a flor,
A' superficie calados...
Dar aos labios namorados
Um outro beijo de amor...

A palmeira no deserto

Não consola mais por certo,
Do que ao peito que delira,
Na incerteza do futuro...
Consola o balsamo puro
Do nome que se respira...

Eu tomei um trago inteiro
Desse nome feiticeiro
D'um prazer quasi divino...
E achei-me por magia
Nas regiões da poesia....
Sem saber do meu destino...

Desde então não tenho ouvido
Senão esse nome querido,
O nome da minha estrella...
Oh! tudo quanto respira
Nas cordas da minha lyra
Vem tocar o nome della...

Dizem-m'o as aves no canto,
Diz-m'o o pastor na flauta,
Ouç'o ás ondas no pranto, *
Ouç'o nas trovas do nauta;

Diz-m'o a fonte murmurando
Pela noite a descantar,
Ouç'o ao zephиро brando
Que vem nas folhas brincar.

E em tudo se calando
Calar-se a terra e o mar...
Que ainda o fico escutando
Ao silencio do luar!...

Só.... em face do Senhor!
Sem do mundo nada ouvir,
Com os meus raios d'amor
A dourar o meu porvir!

Ouvem-se os suspiros meus....
Mas ninguém sabe por quem:
Sei-o eu e sabe-o Deus!
Não o sabe mais ninguém.

A VIOLETA.

Ah! como és bella, florinha!
Quero-te sómente amar!
Ternos cuidados te dar,
Viver contigo sósinha!...
Tua sorte igual á minha,
E' do vulgo nos – calcar!...
Soror Dolores.

Eu te amo, roxa florinha,
Amo a tua côr de dó;
Assim como vives, vivo,
Despresado, triste, só.

Ah! só não, que só não vive
Quem o fado vem ferir,
Debalde a soidão deseja
Quem a dor tem de nutrir.

Inda assim as tuas folhas
Vem de dia o sol beijar;
Eu nem luz, nem sol que veja...

Trevas sempre a negrejar.

Da saudade és o emblema?
Mas tu não tens duração!
Padeces? Mas quem te crava
D'espinhos o coração!

Suspiras? Mas é das mágoas
O suspirar um signal,
É linitivo das dores,
Allivio d'acerbo mal.

Mas, é verdade, não mente
Essa tua triste côr:
Aonde o pranto não falla
Inda mais se arreiga a dor.

Servos pois de igual destino
Une ao meu o teu viver,
Que adoça o fel do martyrio
Penar do mesmo soffrer!

Tu não queres ser sósinha!
Junto de ti chorarei,
Vais morrer no fim da tarde?
Eu contigo morrerei.

A. T. de Macedo.

– 406 –

O CÃO VOADOR.

Conto por M. Emile Girardin.

(Continuado do n. 50.)

Capítulo VII.

O nome.

Que prazer Leão experimentou, vendo o cão fabuloso obedecer ao seu mandado! O cão descia rapidamente, Leão lhe acariciava docemente as azas: quando estava contente com elle!

Immediatamente Leão descobriu os objectos, então imperceptíveis. Começou a distinguir o pavilhão chinês da princeza, e a propria princeza, que lhe estendia os braços: quanto ella estava inquieta, pensando em não o tornar a vêr, porque a boa fada se tinha affligido muito com a ausencia tão prolongada de Leão.

O cão, conhecendo a sua dona, foi-se humilhar a seus pés; e Leão saltou em terra com uma pressa que se comprehenderá sem custo.

– Eis-me em fim! exclamou elle. Julguei não vos tornar a vêr; eu tinha esquecido a palavra magica; porém agora me lembrarei sempre della.

– Tu és um rapaz corajoso, disse a princeza abraçando Leão; és digno de possuir uma maravilha. Porém é tarde; volta depressa para casa de tua mãe, ella deve esperar-te depois de tanto tempo. Vai...

– E o meu cão? Interrompeu Leão. Não levarei o meu cão?

– Ainda tu o estimas, apesar dos perigos que elle te fez passar?

– Sem duvida, sem duvida; agora já não temo cousa alguma. Oh! eu terei boa memoria.

Vamos; vens tu, ajuntou Leão, dirigindo-se ao cão voador, que levava comsigo.

Depois elle se deteve:

– Eu não sei o seu nome; como o chamais vós, madame?

– Chama-se aqui o cão voador, respondeu a princeza; porém é preciso dar-lhe um outro nome; porque antes de tudo, meu rapaz, deves occultar a todo o mundo que o teu cão tem azas. Não deves voar com elle senão de noite, ou neste jardim, onde ninguem o possa ver.

– Como! Não o direi a minha mãe?

– Nem a tua mãe, nem a pessoa alguma.

– Nem mesmo a Henrique? ajuntou Leão com enfado.

– Quem é esse Henrique? lhe perguntou a princeza.

– Henrique! É meu camarada do collegio; tem treze annos, é mais velho que eu: seu tio lhe deu uma espingarda.

– Está bem! mas por que desejas tu fallar-lhe do teu cão?

– E' porque elle falla-me sempre da sua espingarda. Elle deve vir para casa de minha mãe passar as ferias, com seu tio, e a sua espingarda; zomba sempre de mim porque sou mui pequeno para ir á caça. Elle é maior; tem uma gravata e botas.

– Sim! porém não tem o cão voador, replicou a princeza com um sorriso maligno: e, se tu ensinas a dirigir bem o teu cão, trarás mais perdizes e faisões, do que poderião matar todas as espingardas do mundo.

– Verdadeiramente! disse Leão saltando de alegria; oh! Como Henrique vai *zangar-se*!

– Toma cuidado, Leão, disse a princeza: a menor imprudencia póde perder tudo. Se acaso vem a descobrir-se que o teu cão tem azas, perdel-o-has.

– Como, disse Leão, voaria?

– Isso não seria senão meia desgraça, meu amigo; tu poderias, á força da indagações, tornal-o a encontrar, ou resgatal-o á força de dinheiro. Não: é uma desgraça muito maior que deves temer; uma desgraça sem remedio, meu filho. Conserva bem na memoria esta lição, que vou dar-te; tu não a poderás comprehender logo, logo, porque é superior para a tua idade: porém não a esqueças; um dia serás bem feliz, lembrando-te della.

E Leão prestou uma grande attenção ás lições da boa princeza.

CAPÍTULO VIII.

Moralidade e dissimulação.

Diz-se, com justificada razão, que o segredo é a alma da virtude. Aquelle que possuindo uma preciosidade a descobre, se colloca em risco muito provavel de ficar sem ella.

Assim a princeza, entregando ao joven o prodigioso cão, lhe aconselhou que a ninguem descobrisse suas raras habilidades. Leão jurou guardar religiosamente o segredo; depois do que, a fada lhe perguntou que nome lhe poria?

Hesitou o joven. Lembrou-se de Pegaso, de Zephyro, que forão logo rejeitados, porque a fada o advertiu de que, em virtude do segredo recommendado, devia ter um nome, que, nem por sombras, inculcasse as maravilhas de que era capaz.

Concordou, finalmente, no exquisito nome de *Farand*, e despedindo-se da fada, alegre, porque levava comsigo um objecto precioso, e ao mesmo tempo consternado, porque era obrigado a guardar um segredo, marchou com o seu cão voador para casa de sua mãe.

Esta, o recebeu com alegria, correndo a abraçal-o.

– Onde estiveste, meu filho? lhe disse ella; grande cuidado me tem dado a tua demora! Muito te demoraste! que fizeste por tanto tempo no palacio da princeza?

Leão, perturbado com estas perguntas, não podia responder-lhe exactamente.

– Depois de almoçar, passei pelo jardim, e entretive-me a brincar, lhe disse elle.

A este tempo sacudiu o cão as grandes orelhas, e a mãe atemorizada o viu.

– Que animal tão feio! De quem é este cão? Que disforme bruto! E’ o que escolheste?

Ah! meu pobre Leão, és muito innocente! a Sra. de Valencourt zombou contigo.

A obrigação do segredo opprimia poderosamente a alma de Leão, porém não pôde ouvir o tratamento injurioso que sua mãe dava ao seu querido animal.

– Ah! se vós soubesseis, minha mãe, o que elle é!!

– Ora isso tem muito que saber, replicou a Sra. de Cherville, sorrindo-se, é um cão que mette medo. Se não pertencesse á Sra. de Valencourt, o mandava já lançar na rua; porém irá para a cavallariça.

– Não, minha mãe, eu quero leval-o para o meu quarto.

– Isso não, meu filho; por certo não. Essa vontadinha te não faço eu.

O joven se poz a chorar, esteve quasi a quebrar o segredo; e a Sra. de Cherville, compadecida d'elle, consentiu por fim que elle conduzisse o cão ao seu quarto: Leão assim o fez; e, depois de o deitar sobre uma branda almofada, voltou a sentar-se á mesa para jantar.

Apenas o joven Leão se havia sentado á mesa, ao lado de sua mãe, e em presença de muitos convivas, que havia neste dia, entre os quaes tambem estava o menino Henrique, ao qual não esquecera a sua espingarda, um barulho infernal se sentiu na cosinha.

Os cosinheiros fugião espavoridos, os seus competentes bichos gritavão atemorizados; os gatos bufavão assanhados, as caldeiras, tachos, certans e caldeirões, tudo, tudo cahia em terra.

Ouvião-se os gritos espavoridos de – fóra dragão, fóra diabo, serpente, Beelzebut, e outros quejandos.

Era o cão voador, era Ferrand, que teve a astucia de saltar por uma janella que tinha o quarto, e dirigir-se á cosinha, de que tomava posse, sem cousa alguma lhe importarem os nomes terriveis e injuriosos que lhe chamavão.

Tinha fome, cheirava-lhe bem, e só lhe importava a barriga.

Querendo escolher, porque achava por onde, do que mais gostasse, ora lambia a boa cabidella, ora engulia de uma assentada um perù inteiro, ora tigeladas, fricassés, lombos lardeados, assalgalhando tudo; senhor despotico da cosinha, abrindo de quando em quando os dentes contra uma caterva de gatos, que empoleirando-se nas altas pernas, parecia querer incutir-se respeito, e disputar-lhe a preza.

O cão voador, antes agora devorador, gozava instantes de regabofe, quando um asselvajado bicho da cosinha, bruto mais que os outros, armado de um cutello, pretendeu agarral-o, quando os collegas do tal bicho corrião tambem contra elle, munidos de páus e pás de ferro, e quando finalmente o joven Leão, sua mãe, todos os convivas, e até o menino Henrique, com a sua espingarda, entravão na cosinha ficando estupefactos.

Leão, observando o combate que entre seu mimoso cão e os bichos da cosinha havia, e que era impossivel que elle escapasse, porque todos gritavão – mata, mata – se lembrou, para livral-o, em ultimo recurso, da fatal palavra magica. *Nasquette*: e logo, caso verdadeiramente estupendo, Ferrand desenvolve as monstruosas azas com tanta força e rapidez, que sacudiu com ellas, muito bem sacudidos, todos quantos se achavão a menor distancias de oito varas.

Elevou-se ao tecto, quanto ahi estava pendurado veiu a terra; encostou-se pelas paredes, todos os utensilios da cosinha cahirão; quiz sahir pela chaminé, e então, não cabendo, precipitou toda a carne que estava no fumo, e igualmente envolvido em ferrugem um dos bichos da cosinha, que ia agarrado a elle, cahindo em um tacho de agua a ferver.

Tudo era espantoso barulho, parecia um dia do juizo, ou um verdadeiro inferno.

Atinou por fim com a larga janella da cosinha, que cahia sobre o quintal, e por ella se escapuliu, elevando-se aos ares.

Quando o joven Leão correu ao quintal, já apenas divisava sobre grande altura o seu querido cão. Recobrado do seu terror, chorava de saudades, sem poder remediar tão cruel desastre.

Dirigiu-se á fada sua protectora, a quem informou de tudo, e que lhe significou tristemente a impossibilidade de remedio.

– Ferrand, lhe disse ella, voará até que se lhe extingão as forças: ha de cahir depois, talvez, sobre o mar, talvez sobre montanhas inhospitas, talvez caia na China, ou na Ethiopia, ou em Pariz; ainda póde ser que o tornes a ver.

– Oh! quem déra que elle cahisse antes em Pariz, poderia ainda achal-o!

– Quanto vos enganais, meu filho, replicou a fada; se cahir em Pariz, está perdido. Pariz é o tumulto das maravilhas, ahi será logo mettido no museu. Se o cão voador cahir em Pariz, esquece-te d'elle, pois nunca mais o tornarás a ver.

Leão se empregava a lêr os periodicos de todos os dias. Um encontrou que dizia respeito a um animal de singular construcção, por ser ao mesmo tempo cão e passaro: um animal, emfim, extraordinario, pondo-se-lhe tambem o nome de cão voador, que foi acceito pela academia das sciencias. Leão não perde a esperanza de que seja o seu.

Se nisto apparecem illusões, ninguem vive sem ellas; se se procurão moralidades, hão de, talvez, encontrar-se: o caso é que *quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita*.

– 408 –

POTICHOMANIA.

Em excellente occasião nos chegou, minhas amaveis leitoras, o novo invento denominado *potichomania*, com o qual vos podeis entreter muito agradavelmente durante o verão, quando a força do sol e a intensidade do calor não vos permittirem que gozeis o quadro variado de vossos jardins.

Com esta arte estareis tambem entretidas com flores, fazendo lindos jarros para ornar as mesas de *vossos toilettes*. Consiste ella em transformar vasos e jarros de vidro ou de cristal, brancos e lisos, em magnifica porcelana pintada e matizada conforme o vosso gosto.

Esta metamorphose se obtem grudando pela parte interior dos vasos as pinturas feitas em papel, e colorindo depois o resto do vaso com tintas proprias para esse fim.

Os Srs. Morange e C.^a, introductores deste invento entre nós, acabão de publicar um folheto no qual descrevem os varios processos deste trabalho, e annuncião ter em sua casa o sortimento dos objectos necessarios para elle.

Podeis convencer-vos que é uma arte mais propria para servir de prenda á uma senhora, por sua delicadeza e agradavel processo, do que para entrar no grande catalogo das industrias especulativas.

Já tivemos o prazer de ver uma nossa particular amiga entretida em fazer um lindo vaso de porcelana; e vos asseveramos que nos encantou a perfeita illusão que nos causou, quando o vimos depois de concluido.

O primeiro processo consiste em recortar os desenhos que se escolhe: o segundo em grudal-os pela parte interior dos vasos: o terceiro em envernizar: e finalmente em colorir todo o vaso e envernizal-o pelo lado de dentro.

Notai porém, minhas amigas, que tudo isto se conclue em dous ou tres dias; e que podereis depois; sem receio algum, empregar o vosso artefacto como vos for conveniente, mesmo servindo-vos delle para conter agua e flores, que em nada desmerecerá a perfeição da vossa obra, que se conservará sempre no mesmo estado emquanto se não quebrar, como tereis observado em alguns vasos que talvez tenhais, e que penseis serem de porcelana de *Sèvres* ou

mesmo da China, e que em verdade são de vidro, reduzidos por este bello processo ao estado de vos illudir.

Dar-vos-hemos uma transcrição dos diversos processos, de que trata o folheto dos Srs. Morange e C.^a, á cuja casa vos deveis dirigir para ver e melhor julgardes da descoberta que com prazer vos annunciamos.

A REDACÇÃO.

Haverá alguns annos que um menino de oito para nove annos se fazia ouvir, na sempre lembrada *Philarmonica* do Rio de Janeiro, executando ao piano difficeis peças de musica, que bem demonstravão todo o seu talento musical. Pois bem; esse menino foi para a Europa completar os seus estudos, e hoje em Pariz faz as delicias dos elegantes salões, quando ao piano interpreta as harmonias dos grandes *maestros*; e faz mais ainda: joven compositor, não se esquece da sua patria e das cousas de cá.

Ouvimos uma noite destas tocar quatro lindas peças de musica, compostas por esse Brasileiro, o Sr. C. A. Palmer, e lithographadas primorosamente em Pariz; e em todas ellas ha tanta beleza e harmonia, que honrão ao seu autor. A primeira é uma lindissima *Polka* offerecida a seu pai, tributo de um amor filial; a segunda, um *canto d'aldeia*, offerecida a seu primeiro professor de musica o Sr. F. A. Nolte, gratidão do discipulo ausente ao mestre; a terceira, *Saudades do Rio de Janeiro*, offerecida ao Sr. Francisco Manoel da Silva; a quarta, *Homenagem ao Talmá Brasileiro*, offerecida ao Sr. Commendador João Caetano.

Em todas estas musicas ha harmonias saudosas da patria, lembranças queridas e meigas do que o menino aqui viu, e que jámais esqueceu; recordações que lhe embellezão a mente na concepção dessas bellezas que cá nos chegarão, e que me obrigão a testemunhar meu affecto de Brasileiro e minha homenagem de gratidão ao Sr. C. A. Palmer, por não se haver esquecido do Rio de Janeiro e das cousas de cá.

Anecdota.

A um grande bebado, com presumpção de excellente naturalista, perguntou um philosopho em certo dia: « Senhor meu, qual é o mais feliz animal que existe na natureza? » Ao que o bebado immediatamente respondeu: « E' o peixe, porque póde beber á sua vontade. »

Acompanha este n.º 51 uma estampa com figurinos de visita e de estar em casa.

TYP. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165